

Resenha do Livro

**MOREAU, Diego; MACHADO, Laluña Gusmão.
História dos Quadrinhos: EUA. São José: Skript, 2020.**

*Márcio dos Santos Rodrigues*¹

¹ Historiador, editor e tradutor de quadrinhos. Doutorando em História pela UFPA, mestre em História pela UFMG e licenciado pela mesma instituição. Professor do Programa Ensinar da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: marcio.strodrigues@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4163-5865>

História em Quadrinhos: EUA, livro do publicitário/editor gaúcho Diego Moreau em coautoria com Luluã Machado, licenciada em História, é repleto de tantos equívocos editoriais e problemas de ordem teórico-metodológica, que seria impossível abordá-los em sua totalidade em uma simples resenha ou até mesmo em um artigo. Alguns dos equívocos da obra, ganhadora na categoria de Melhor Livro Teórico de 2021 do 34º Troféu HQ Mix, incluem, contraditoriamente, a falta de teorizações, a ausência de referências bibliográficas no corpo do texto e o uso meramente ilustrativo ou decorativo de imagens, mesmo se tratando de um livro de mais de 900 páginas impressas², complementado por um e-Book de 447 páginas³, sobre uma manifestação contemporânea da cultura visual. Além disso, a obra apresenta diversos erros de revisão ortográfica e gramatical, do início ao fim⁴.

De forma alguma e antecipando, oriento que o livro seja descartado e/ou ignorado, mas que sua leitura seja feita com criticidade e de forma contextualizada, considerando os pontos que elenco e desenvolvo nesta resenha. Mesmo como um mau exemplo, o trabalho de Diego Moreau e Luluã Machado serve como uma oportunidade de aprendizado sobre os tantos equívocos que ainda são vistos em estudos sobre quadrinhos em nosso país e que surgem das relações de conveniência (ou melhor, de vícios) entre pesquisa

² 936 páginas, ao todo, o que torna o livro, do ponto de vista da leitura, difícil até de manusear. Do ponto de vista tátil e/ou da acessibilidade, o livro da Skript passa longe de ser uma leitura confortável e prazerosa, tendo em vista a encadernação frágil (embora tenha sido impresso em uma das melhores gráficas do país, a Ipsis, de São Paulo), o tamanho e o peso do livro, o que pode dificultar o manuseio para pessoas com limitações físicas ou visuais.

³ MOREAU, Diego; MACHADO, Luluã. *E-Book Biografias: Uma leitura complementar da História dos Quadrinhos: EUA*. Disponível em <https://skripteditora.com.br/site/wp-content/uploads/2021/12/hhq-ebook.pdf>

⁴ Já no expediente vemos um “digramação”, em vez de diagramação, e o nome de um dos colaboradores no prefácio, o jornalista e tradutor Érico Assis, aparece grafado de diferentes maneiras.

e mercado. Aqui serão elencados os problemas conceituais que qualquer historiador e/ou pesquisador de quadrinhos mais sério, com um mínimo de conhecimento sobre o campo de estudos históricos e até mesmo com vínculos de proximidade com o mercado, encontrará nessa obra.

Equívoco 1: *Antiacademicismo e anti-intelectualismo*. A obra da dupla Moreau e Machado é uma obra sintonizada com uma prática ainda bastante comum no meio editorial, a do livro pretensamente de história e/ou de teoria que estigmatiza o linguajar acadêmico e, por isso mesmo, subestima o público. Para tanto, cria a ideia de que o conhecimento produzido no âmbito da universidade, pública ou não, particularmente expresso por historiadores, é algo inacessível e elitizado, típico de “malas de academia”⁵. Sob o pretexto de entregar uma obra “mais acessível” - o que, de fato, não se comprova -, os autores acabam por oferecer uma visão simplista e bastante superficial dos temas abordados em informações que, apesar da editora vender a todo custo como inéditas, podem ser encontradas não apenas nos tantos *sites* cujos discursos foram reproduzidos integralmente na obra, sem uma análise mais aprofundada, mas em livros que os autores parecem não ter consultado ou levado em consideração.

Os envolvidos na obra (aqui, refiro-me também aos responsáveis pela editora) acreditam que tornam toda a história dos quadrinhos nos Estados Unidos mais palatável ao grande público com uma linguagem supostamente “não acadêmica”, quando, na verdade, corroboram simplificações excessivas, justamente porque não se aprofundam ou por reduzirem temas complexos a

⁵ Ver a partir dos 6:41 da live "QUARTA É... dia de quadrinho novo: AS GUERRAS DE WALLACE WOOD", do canal Mundo Gonzo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=azJ432mBtyE&t=3665s>

mera dimensão de fatos ou ainda pela ausência de rigor conceitual e metodológico⁶.

Equívoco 2: Modelo de História. A abordagem histórica assumida neste grande bloco de notas que, por acaso, chamam de livro é extremamente problemática para o que se compreende como uma análise histórica consistente, apesar do seu caráter supostamente divulgativo. O livro apresenta várias limitações, por estar concentrado, de forma exaustiva, em datas, eventos e personalidades, num modelo de história muito criticado por historiadores de formação⁷. É por esse motivo que a obra deixa de aprofundar em questões

⁶ O argumento que tentam sustentar, dentro e fora das páginas do livro (em *podcasts*, *lives* e eventos de quadrinhos), é de que uma abordagem acadêmica produziria algo distante da realidade social ou excessivamente teórica, desvinculada de toda e qualquer produção artística e, de forma anti-intelectual, pedante. A participação dos autores, ao lado de uma pesquisadora, em dezembro de 2022 na Comic Con Experience (ou CCXP, simplesmente), um grande evento de entretenimento, evidenciou em diversos momentos discursos proferidos contra a pesquisa acadêmica de quadrinhos, em detrimento de uma suposta “vantagem” de editoras, com materiais com preços elevados, de tornarem a história dos quadrinhos mais acessível ao grande público: https://www.youtube.com/watch?v=pPcl_8S_rLs. A visão expressa nessa participação na CCXP desconsidera o fato de que produções acadêmicas são geralmente abertas e socialmente gratuitas, feitas ainda em contextos em que ocorrem cortes de verba e/ou pouco ou nenhum investimento na pesquisa. Estudos acadêmicos de HQs muitas vezes são financiados por instituições de fomento, que nem sempre acolhem propostas sobre essa expressão cultural. Além disso, artigos acadêmicos em revistas sérias envolvem um processo rigoroso de revisão e avaliação por pares, garantindo assim um alto nível de qualidade, algo que não se vê nessa produção da Skript. Deste modo, soa um tanto desrespeitoso escutar que uma produção de quase 300 reais, com linguagem nada acessível, divulgada em espaços que não são acessíveis e frequentado por um grupo muito restrito, é acessível. Notadamente, é possível encontrar um meio-termo entre a linguagem acadêmica e a acessível ao público em geral, algo que muitos historiadores a partir da geração francesa dos *Annales*, da década de 1920, e até mesmo um Jules Michelet (1798-1874), autor de *best-sellers* no século XIX, se preocupavam. Insistir que historiadores ou demais acadêmicos escrevem apenas para os pares é no mínimo equivocado e/ou anti-intelectual. Além disso, revela desconhecimento total do que é produzido na área das Humanidades, bem como da universidade brasileira. Embora a produção acadêmica tenha uma linguagem mais técnica e que expressa, em primeiro lugar, o debate entre especialistas, há tempos temos um cenário de produções destinado ao grande público, levando em consideração diferentes perfis de leitores.

⁷ Sobre a crítica à história tradicional, particularmente no contexto do ensino de História e no que se refere à crítica de documentos, recomendo a leitura do básico e ainda atual

sociais e históricas mais importantes, bem como na análise formal e estética das obras ou uma contextualização maior dos autores. Mesmo tendo como coautora uma historiadora (licenciada, no caso, e ainda com pouca inserção acadêmica, embora a própria e o mercado a intitulem como “a maior especialista acadêmica no personagem Batman”⁸), o livro é, de modo geral, extremamente superficial em relação à análise histórica, justamente por causa do seu apreço pelo factualismo. Historiadores quando produzem obras destinadas ao grande público não costumam rasgar o diploma, sacrificando a análise mais crítica em favor de uma perspectiva acontecimental (ou *événementielle*, nos termos denunciados pelos *Annales*), de fundo positivista, que serve tão-somente para reforçar mitos ou discursos já consagrados do mercado e ainda dar a impressão, ao público de HQs, de que a História em si é uma sucessão de fatos isolados, como num guia de curiosos. Além disso, o estilo narrativo de *História dos Quadrinhos: EUA* é demasiado cronológico, linear e teleológico, algo amplamente questionado por historiadores há pelo menos um século. É

“*Ensino de História: fundamentos e métodos*”, de Circe Maria Bittencourt (BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2018).

⁸ Esse título é, com todo o respeito aos/às colegas pesquisadores/as dos quadrinhos e à referida coautora, uma afirmação exagerada. Além de não ter comprovação acadêmica, é, no mínimo, desrespeitoso com todo o campo de estudos das HQ no Brasil, por desconsiderar um conjunto variado de iniciativas, ainda mais de um personagem já tão estudado. Revela ainda uma falta de respeito e/ou desconhecimento de agentes do mercado/da cena, que, ao endossarem esse tipo de afirmação, igualmente desvalorizam e menosprezam, em nome de interesses de mercado e de certas práticas editoriais, iniciativas acadêmicas de outros pesquisadores e pesquisadoras que também estudam o personagem e a história dos quadrinhos em geral. Longe de soar como um ataque de ordem pessoal ou de “fulanizar” o debate, cumpre destacar que atribuições como essas, em termos sociológicos, são utilizadas para fins de *marketing* e (auto)promoção, e que a credibilidade desse tipo de título carece de uma avaliação objetiva – isto é, em termos de produção acadêmica (artigos, dissertações, teses), número de citações, orientações, participação em bancas, em eventos universitários e redes de colaboração. De qualquer forma, deve-se considerar que a especialização em um personagem específico não necessariamente implica em uma expertise mais ampla sobre a história dos quadrinhos ou sobre a História (aqui entendida com H maiúsculo) como campo de pesquisa.

precisamente por esse estilo que vemos aqui uma história dos quadrinhos nos Estados Unidos como uma sucessão de eventos inevitáveis, desprovidos de nuances e contradições. Além disso, como abordado no **Equívoco 1**, o livro não apresenta uma posição teórica consistente, mesmo que os autores sustentem que é uma obra destinada ao grande público. Isso se expressa, sobretudo no uso acríptico e naturalizado que faz do esquema das Eras dos Quadrinhos – isto é, das Eras de Ouro, Prata, Bronze, etc.

Sobre o referido esquema das Eras, cumpre dizer que, quando aplicado às HQs estadunidenses como categoria de análise, é reducionista, por se basear em uma perspectiva afinada com interesses hegemônicos de mercado, que pressupõe uma “evolução” linear do “primitivo” ao mais “avançado” dentro da linguagem e do meio editorial. É um dispositivo cronológico assentado em fundamentos de base ocidental, eurocêntricos, que classificam temporalidades atribuindo valores positivos ou negativos a elas. A tal “Era de Ouro” dos quadrinhos nos Estados Unidos, por exemplo, seria considerada o ápice do “desenvolvimento humano” dentro daquele país, com a criação de personagens arquetípicos, enquanto a “Era de Bronze” seria vista como um período de regressão e decadência dentro do meio editorial. Depois viria a Era Moderna, com as *Graphic novels* e a chamada Invasão Britânica. Isso é equivocado, pois cada momento, década, carregaria suas particularidades, bem como estabeleceria diálogos com expressões de tempos anteriores, distintos e simultâneos⁹.

⁹ Vale dizer ainda que a ideia de usar metaforicamente os termos “era de ouro”, “era de prata” e “era de bronze” para se referir a períodos históricos específicos é similar àquela adotada por um Hesíodo, poeta do mundo helênico que viveu por volta do século VIII a.C. Hesíodo é apenas uma das fontes mais conhecidas dessa ideia. Ele descreveu as “idades do homem” em sua obra “Trabalhos e Dias”, apresentando quatro idades do homem: a Idade de Ouro, a Idade de Prata, a Idade de Bronze e a Idade do Ferro. Essas idades são caracterizadas pela queda gradual da humanidade, que começa em uma era de paz, prosperidade e justiça (a Idade de Ouro) e termina em uma era de guerra, injustiça e sofrimento (a Idade do Ferro). Essa classificação, ao se basear em uma interpretação

Esse esquema das Eras é, na ausência de uma palavra melhor, um problema recorrente em muitos escritos sobre quadrinhos que se pretendem históricos. É anacrônico, etapista, desconsidera permanências e simultaneidades. Se ainda existe é em razão da chegada tardia de historiadores profissionais ao campo dos *comics studies*. Por muito tempo, a história dos quadrinhos foi vista como uma área de interesse apenas para fãs e/ou colecionadores, e mesmos trabalhos acadêmicos que surgiam eram escritos por pesquisadores de áreas como a Comunicação Social, que muitas vezes não tinham contato com referenciais de historiadores e, por isso mesmo, reproduziam uma perspectiva tradicional de história¹⁰. Com o tempo, isso vem mudando, mas ainda é comum encontrar trabalhos que reproduzem esse esquema simplista, como é o caso do livro de Moreau e Machado. O próprio texto de prefácio de Érico Assis, ao se perder num debate infundado sobre a

seletiva e limitada da história, é ainda largamente aplicada especialmente às HQs de super-heróis produzidas pela Marvel e pela DC Comics. As décadas de 1930 e 1940 seriam a “Era de ouro” dos quadrinhos, a década de 1950 e início dos anos 60 como a “Era de prata” e o final dos anos 60 até meados dos anos 80 como a “Era de bronze”. Os autores ainda evocam uma tal de “Era de Platina”, para falar de pioneiros, caindo naquilo que um Marc Bloch, autor geralmente lido desde o início de graduação em História, denunciaria como ídolos de origem. Como dissemos, é um dispositivo que é mais sintonizado com práticas de mercado, sendo reproduzido, por exemplo, num esquema que pode ser visto no texto de Marcus Ramone para o Universo HQ (RAMONE, Marcus. *Que era, que era?. Universo HQ*, 2015. Disponível em: <<https://universohq.com/universo-paralelo/que-era-que-era/>>. Último acesso em: 2 de abril de 2023). Deve-se questionar a relevância dessa periodização e até mesmo se ela faz sentido para todas as produções dos EUA, uma vez que cada gênero e período histórico dos quadrinhos pode ter suas particularidades e características próprias. Até mesmo em se tratando de super-heróis, existem aspectos de simultaneidade, de cortes e de transição entre diferentes momentos e tendências que podem dificultar uma periodização rígida.

¹⁰ Exemplos notáveis de obras que expressam uma visão preconcebida do que seria História são *História da História em Quadrinhos*, do já falecido professor Alvaro de Moya, lançada pela Brasiliense, no qual o pressuposto de história é tão-somente cronológico ou de coleção de fatos; as reflexões de Antonio Luiz Cagnin sobre o pioneirismo do ítalo-brasileiro Angelo Agostini, que nada mais era do que uma simples idolatria das origens de fundo ufanista. Também pode se apontar as considerações de Waldomiro Vergueiro no livro *Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos* (2015), da Editora Criativo, reduzindo o campo da história a dimensão meramente factualista.

distinção entre história e estória (algo que faria sentido nos anos 1910, para ser um pouco mais amistoso), é também sintomático desse distanciamento com referenciais do campo da História¹¹.

Além de incorrer em teleologismos (isto é, numa ideia de finalidade, onde todos os eventos e ações são interpretados de forma pré-estabelecida)¹², o livro se resume também a tratar da história dos quadrinhos nos EUA como um guia ou gabinete de curiosidades, onde cada informação apresentada seria uma “descoberta” ou uma “revelação de uma saga”. Isso ocorre pelo apego à ideia de “viagem no tempo”, que Moreau inclusive mobiliza em prefácios e nos diversos vídeos do canal de YouTube da editora. Aqui vemos uma compreensão problemática do ponto de vista teórico-metodológico, no que se refere ao estudo da história¹³. Partem do pressuposto de que é possível ter uma

¹¹ O uso acrítico das Eras dos Quadrinhos reforça, tal como se verifica em *História dos Quadrinhos EUA*, a ideia de que apenas determinados períodos são mais importantes do que outros. Quando o foco também se direciona, de forma exaustiva, a uma determinada categoria ou gênero, como é o caso dos super-heróis, outras áreas importantes acabam sendo negligenciadas ou tratadas de forma superficial. É o que se vê no capítulo dedicado aos quadrinhos *underground*. Alguns aspectos fundamentais desse cenário multifacetado são tratados de forma isolada, desconectada e sem maior aprofundamento, como a relação dos quadrinhos *underground* com a contracultura e as mudanças sociais e políticas ocorridas nos anos 1960 e 1970. Alguns episódios históricos são pontuados no início do capítulo, mas dentro de uma narrativa pré-estabelecida. De início também, os autores lançam ao leitor a ideia de que um dos possíveis “embriões” dos quadrinhos *underground* seriam as *Tijuana Bibles* (MOREAU; MACHADO, 2020, p.440), o que é um argumento preso aos chamados “ídolos de origem” e que não pode ser considerado uma afirmação comprovada. O tamanho diminuto do capítulo faz com que se possa pensar que esse cenário está em uma posição secundária em relação aos super-heróis e outros gêneros mais populares. Isso acaba reforçando a ideia equivocada de que os quadrinhos *underground* são uma espécie de nicho ou subgênero, quando na verdade representam uma das expressões mais ricas e inovadoras da arte sequencial.

¹² No contexto da disciplina histórica, o teleologismo se expressa na compreensão de que a História é tão-somente uma narrativa que segue uma linha evolutiva, culminando em um ponto de chegada determinado previamente. Isso é equivocado em diferentes aspectos, pois a história não pode ser compreendida apenas como uma sequência linear de eventos.

¹³ A ideia de “viagem no tempo”, proferida por alguém visivelmente sem formação em História, sugere que é possível ter uma compreensão objetiva e completa do passado, sem levar em conta as influências e perspectivas culturais e ideológicas do presente, inclusive as

compreensão objetiva e completa do passado, como se ele fosse um dado bruto e imutável. Isso não é possível porque a história é uma construção interpretativa do passado, que depende de uma seleção e interpretação dos eventos e fontes disponíveis.

Equívoco 3: *Bibliografia desatualizada e ausência de obras importantes para o tema.* Não se verifica no livro da dupla Moreau-Machado um diálogo com pesquisas mais recentes e relevantes sobre a história dos quadrinhos nos Estados Unidos. Grande parte das obras listadas na bibliografia é datada e/ou um tanto fora do escopo - em razão de não encontrarmos nenhuma forma de referenciação ao longo do texto, torna-se difícil saber o motivo do porquê uma dissertação, por exemplo, sobre a Gibiteca de Santos/SP foi incluída ao final nas bibliografias. Um livro como *Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books*, versão traduzida para o inglês, de 2008, da obra do historiador francês Jean-Paul Gabilliet, sequer é mencionado pela dupla Moreau-Machado, apesar de ser um trabalho amplamente conhecido entre pesquisadores de quadrinhos, de grande importância para o estudo das produções dos Estados Unidos. Além disso, não figuram outras obras importantes, como *Fredric Wertham and the Critique of Mass Culture*, de Bart Beaty (2005) e *The Ten-Cent Plague: The Great Comic-Book Scare and How It Changed America* (2009), de David Hajdu, que tratam da influência do *Comics Code* na indústria dos quadrinhos. Tampouco vemos a presença de "*Comic Book Nation: The Transformation of Youth Culture in America*", do historiador Bradford W. Wright, publicado pela primeira vez em 2001. Essa obra apresenta uma história abrangente dos quadrinhos nos Estados Unidos, explorando como determinadas produções dialogaram com aspectos da sociedade estadunidense ao longo do século XX. São obras identificáveis como referências importantes para o estudo da história das HQs

dele, de fã, de entusiasta de quadrinhos, de alguém que não parece ter consciência da própria visão idealizada e romantizada do passado e das produções dos Estados Unidos.

nos EUA, e sua ausência na obra de Moreau e Machado é, no mínimo, uma limitação significativa e, creio, que os autores não podem alegar que não seria relevante ou necessário o uso dessas obras. A ausência dessas obras básicas sugere uma pesquisa inconsistente por parte dos autores e é justamente isso que torna o livro incompleto e questionável em termos de sua contribuição para uma historiografia da história dos quadrinhos nos EUA.

O fato de um livro publicado em 2021¹⁴, com a pretensão de oferecer uma “história completa” de um cenário complexo, recorrer a uma bibliografia em grande parte datada ou ausência de obras essenciais para o desenvolvimento do tema denota, da parte dos autores, pouco ou nenhum compromisso com o aprofundamento do conhecimento na área de quadrinhos, mesmo que fosse tão-somente direcionada para o público leigo. A falta de diálogo do trabalho de Moreau e Machado com pesquisas atuais (ou mesmo básicas) é expressiva também de uma visão um tanto engessada no campo da produção de livros sobre HQs no mercado brasileiro, onde ainda é comum a reprodução de ideias e teorias ultrapassadas e obras que, de tão panfletárias ou dogmáticas, não diferem de um folheto publicitário ou livreto religioso.

Uma abordagem pouco ou nada crítica na pesquisa e na narrativa faz com que mitos sobre a história dos quadrinhos sejam reforçados, contribuindo para a reprodução de certos temas que já foram amplamente questionados e até mesmo desmistificados em outras obras. Nas passagens dedicadas a Fredric Wertham, por exemplo, vemos como os autores reforçam a imagem dele como a de um vilão caricato em termos maniqueístas, simplificando demais a discussão sobre o impacto do seu livro *Seduction of the Innocent* na indústria dos quadrinhos nos EUA. Embora possamos argumentar que Wertham tenha

¹⁴ Na ficha catalográfica consta o ano de 2020, mas o livro foi entregue em 2021, com um ano de atraso, em decorrência de fatores externos como a pandemia e a alegação dos autores de que precisavam de mais tempo para finalizar a obra.

exagerado e manipulado dados para sustentar as suas afirmações, é importante lembrar que os escritos do psiquiatra dialogam com uma atmosfera histórica mais abrangente do período dos anos 1950, não somente como reflexo dela. Os autores o pintam, dentro do contexto da obra, como "um conservador" de uma forma generalista e profundamente maniqueísta (nas páginas 300 e 301, para ser mais específico). Se formos analisar mais detidamente as fontes e os discursos da época, algo que os autores da obra da Skript tampouco fizeram, é possível verificar que o psiquiatra alemão radicado nos EUA tinha uma faceta inclusive progressista¹⁵. A obra superestima e superdimensiona Wertham e a campanha anti-quadrinhos, reforçando visões pré-concebidas sobre o contexto e reproduzindo mitos sobre a história dos quadrinhos¹⁶.

Ademais, fazer uma pesquisa abrangente sobre a história dos quadrinhos em um país tão extenso e diverso como os EUA, exige não apenas considerar, mas aprofundar com criticidade as diferenças regionais e contextos específicos. No entanto, o livro faz generalizações sobre a produção de quadrinhos desse país, muitas vezes tratando o mercado como uma entidade homogênea e ignorando, em diferentes níveis, as distinções culturais específicas em que obras foram produzidas.

¹⁵ A HQ *Fredric, William E A Amazona. Perseguição E Censura Aos Quadrinhos*, de Jean-Marc Lainé e Thierry Olivier, por exemplo, abordou Wertham de forma menos simplista, contextualizando-o dentro de um panorama maior da época. O mesmo pode ser dito sobre outras obras que se debruçam sobre a história dos quadrinhos nos EUA, como o livro de Bradford W. Wright, e, David Hajdu, no tocante à censura de HQs.

¹⁶ O próprio Wertham, com bem aponta Rodrigo Polatto, em artigo deste dossiê, ficou muito descontente com os resultados das audiências no Senado norte-americano contra os quadrinhos, julgando os políticos envolvidos como extremistas, pelo fato dele não querer proibir o conteúdo das revistas, mas sim que fosse estabelecida uma classificação etária para sua compra, com sugestão de dezesseis anos (UNITED STATES SENATE. *Juvenile Delinquency (Comic Books): Hearings before the Subcommittee to Investigate Juvenile Delinquency of the Judiciary United States Senate*. 83rd Congress, 2nd session. April 21,22 and June 4, 1954. Disponível em; <https://crisisofinnocence.library.torontomu.ca/items/show/646>).

Equívoco 4: *Ausência de referências no corpo do texto.* Outro ponto questionável da obra é o modo como não se preocupa, dentro de critérios básicos de normalização, em referenciar. Trata-se de um desleixo, tendo em vista que se trata de um livro com abordagem histórica. Isso produz um texto de baixíssima confiabilidade. De onde saiu exatamente cada um dos fatos narrados pelos autores da obra? Eis uma pergunta que me fiz toda vez que me deparava com informações durante a leitura. Talvez este seja o problema mais sério de *História dos Quadrinhos: EUA*, estando relacionado ao ponto que discutimos acima, de como o livro e os editores da Skript estabelecem um diálogo com práticas editoriais que estigmatizam a necessidade de rigor metodológico, em nome de um discurso essencialmente comercial. Em outra publicação da editora, *Castelos De Areia - Reflexões Sobre Sandman* (lançada neste ano de 2023), os editores sequer tiveram o cuidado editorial de incluir notas biográficas de cada um dos colaboradores da obra, nem no rodapé e ao final, como se isso não fosse importante para situar o leitor sobre a formação e trajetória de cada um dos autores e colaboradores envolvidos na produção da obra. Esse é um exemplo de como a catarinense Skript Editora foca essencialmente numa ideia de nicho, não se preocupando em estabelecer um diálogo com simples práticas editoriais.

No caso de *História dos Quadrinhos: EUA*, a ausência de referência impede que o leitor de qualquer natureza, leigo ou não, saiba exatamente de onde as informações foram consultadas e como elas foram analisadas pelos autores. Historiadores que lidam com qualquer objeto ficariam um tanto com o pé atrás diante de uma obra sem indicações precisas no corpo do texto. Se *História dos Quadrinhos: EUA* se destina àqueles que buscam os primeiros passos na pesquisa acadêmica ele é um péssimo exemplo, podendo servir tão-somente como fonte ou objeto de análise em um curso, por exemplo, de Biblioteconomia, de como um livro, inclusive premiado como um dos mais expressivos de um

segmento, tampouco oferece aos leitores acesso às fontes e evidências que os autores empregaram para construção de sua narrativa.

Sem referências no corpo do texto, um leitor que não tenha menor familiaridade com o tema pode ter dificuldades para verificar a veracidade das informações apresentadas e avaliar a qualidade da argumentação dos autores. As referências do livro se encontram ao final, sem estarem normalizadas. Inclusive é bastante sem sentido quando o autor, Diego Moreau, na apresentação diz que está fazendo “um favor” em entregar as referências no final numa lista, sem menor indicação de onde e como foram utilizadas dentro do livro. É para que o leitor tente adivinhar onde e como ele usou determinada informação para sustentar seus argumentos ao longo do texto?¹⁷ Essa atitude é um desrespeito à própria produção teórica de quadrinhos, mas também ao leitor, ainda mais se tratando de uma obra que foi produzida através de financiamento coletivo¹⁸.

Equívoco 5: *Ausência de ilustrações.* Embora o tema da obra seja eminentemente visual, é no mínimo estranho que Diego Moreau e Luluña Machado, bem como os editores responsáveis pela publicação, tenham optado por uma obra exclusivamente textual, um tijolo de 936 páginas com 18 imagens que servem apenas para ilustrar a transição entre capítulos. Essa escolha se torna ainda mais problemática ao considerarmos que muitas produções da tal “Era de Ouro”, por exemplo, encontram-se, hoje em dia, em domínio público, disponíveis até mesmo em sítios virtuais, em alta qualidade eventualmente, e, por isso mesmo, poderiam ser fartamente utilizadas em pesquisas de natureza

¹⁷ Vale lembrar ainda que alguns *links* estão indisponíveis ou desatualizados, o que prejudica a experiência de um leitor mais curioso que busca informações adicionais sobre qualquer tema abordado no livro. Se tem a proposta de instigar, *História dos Quadrinhos*: EUA é limitado nessa função.

¹⁸ As informações sobre a campanha de pré-venda da obra através de uma plataforma de financiamento coletivo encontram-se no endereço <https://www.catarse.me/hhq500pg>.

histórica, sem custos. Além disso, há tempos historiadores têm recorrido a fontes da cultura visual.

Além disso, para um livro com a ambição monumental de *História dos Quadrinhos: EUA*, vendido como acessível ou direcionado ao grande público, a pouca ou nenhuma presença de imagens se torna um problema em termos de atratividade¹⁹. Sem uma representação visual dos autores e obras mencionadas em texto corrido ao longo das mais de 900 páginas da obra física e das 400 do e-Book, o leitor pode ter dificuldade em visualizar o que está sendo discutido. Como leitor acadêmico, com conhecimento dos personagens e obras apresentadas no livro, fiz uma leitura atenta, mas imagino que alguém que não tenha menor familiaridade com esse universo, diante desse grande “bloco de notas”, consideraria a leitura cansativa e monótona, especialmente pela obra ser essencialmente factual e com modelo de história considerado tradicional. Pessoas com problemas de concentração e de leitura, em razão de diferentes transtornos, certamente encontrarão dificuldades ao ler a obra, especialmente sem o apoio de imagens para ilustrar e tornar mais concretas as informações apresentadas. Além disso, para aqueles que buscam apenas uma leitura mais leve e divertida sobre o universo dos quadrinhos, um livro que fale de quadrinhos sem apresentar nenhuma imagem de quadrinhos é um fator desencorajador para a compra.

Equívoco 6: *A concessão de um prêmio.* Para finalizar esta resenha, cumpre apontar que um grande equívoco relacionado à obra foi ter recebido um prêmio importante da indústria/cena brasileira de quadrinhos. O HQ MIX, como a maioria das premiações do cenário de HQs em nosso país, é uma construção social e cultural, e como tal, está sujeito a interesses, valores e visões de mundo

¹⁹ Na campanha da plataforma de financiamento coletivo Catarse, o livro foi anunciado como “ricamente ilustrado”, o que contribuiu para certas expectativas no público e, conseqüentemente, decepção ao descobrirem que o livro não possuía as imagens esperadas.

específicas. A concessão de um prêmio, presumivelmente tão importante, a um trabalho tão problemático levanta uma série de questionamentos: indicaria, antes de tudo, falhas nos critérios de avaliação adotados pelo júri responsável, bem como o fato de que o prêmio em questão, da forma como é organizado, mede, após a seleção de jurados, a popularidade e/ou a capacidade das editoras, desculpem a deselegância do termo, “venderem seu peixe”, investindo pesado em comunicação através de publicidade paga e configurando *lobby*. É importante lembrar que prêmios não são, de forma alguma, neutros. Muitas vezes possuem motivações essencialmente comerciais ou políticas. Nem sempre a obra mais bem escrita ou de maior relevância será considerada. Nesse sentido, um livro como *História dos Quadrinhos: EUA* teria recebido o prêmio por motivos/motivações que não dizem respeito à sua qualidade como obra teórica, o que evidencia ainda mais a necessidade de se avaliar a obra dentro do mercado de quadrinhos brasileiro de forma crítica e não se basear apenas na sua premiação. Se acompanharmos fora do universo específico das páginas do livro e vermos uma série de debates levantadas por outros pesquisadores sobre a obra, o que chama a atenção é a representação da vontade de seus autores em vendê-la como algo positivo. É uma produção que se destaca por ser pretensiosa demais e, ao mesmo tempo, tão equivocada teórico-metodologicamente na mesma proporção.

Torna-se preocupante que uma obra com tantos problemas técnicos de revisão e conceituais, com um modelo de história antiquado, seja premiada, ainda mais se tratando do campo da teoria de quadrinhos. Depõe muito contra a credibilidade do prêmio. Tendo em vista que no júri encontram-se pesquisadores acadêmicos, a simples indicação de uma obra como essa é ainda mais problemática, pois se espera que estudiosos tenham uma visão crítica e exigente em relação às obras que avaliam. Um jovem acadêmico, sem muito contato com referenciais dos *comics studies*, pode ter impressão equivocada de

que o livro apresenta alguma relevância acadêmica ou precisão conceitual/teórico-metodológica.

Longe de ser um simples exercício para desqualificar gratuitamente uma obra, esta resenha buscou fornecer uma avaliação criteriosa sobre o trabalho em questão. Ao invés de apenas apontar falhas e/ou destacar pontos negativos, apresentou-se uma análise a partir do ponto de vista de um historiador, mas também de alguém hoje situado dentro do mercado de quadrinhos, que vê com preocupação a falta de rigor e de reflexão crítica em muitos livros que se propõem a abordar a história das HQs de qualquer país. Espera-se com esta resenha ser útil para o caso de algum desavisado e/ou pesquisador em início de carreira, sem muita orientação, se aventurar na leitura das mais de 900 páginas de *História em Quadrinhos*: EUA.